



ENSAIOS EM PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA OU LÍNGUA ESTRANGEIRA

*Papers in Portuguese
as a second or foreign language*

“Sabe com quem está falando?”,
“Quem é você?”, “Quem você pensa
que é?”: Atos de fala submersos
na cultura brasileira

Rodrigo Pereira de Souza

Número 28

“Sabe com quem está falando?”, “Quem é você?”, “Quem você pensa que é?”: atos de fala submersos na cultura brasileira

Rodrigo Pereira de Souza
rodrigo.professorple@gmail.com¹

Meu samba é casa de marimbondo / Tem sempre enxame pra quem
mexer / Não sabe com quem está falando / Nem quer saber, nem
quer saber, nem quer saber / Tem gente aí que acha / Que samba é
contravenção / Eu saco bem o tipo / E sou de opinião / Que é nego
que acredita / Que sempre tá com a razão / Meu samba sempre diz /
Essa não, essa não, essa não

João Bosco / Aldir Blanc

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar o ato de fala “Sabe com quem está falando?”, comum em diversos contextos da sociedade brasileira. A fim de contribuir para uma melhor compreensão desse fenômeno, neste trabalho também irei apresentar algumas das teorias que embasam os estudos de PLE, bem como suas respectivas aplicações no ato de fala perlocucionário já mencionado. Tentarei mostrar a importância de todos esses aspectos no aprendizado do português por parte do aprendiz estrangeiro. Por fim, na parte final deste estudo, transcreverei o conteúdo de dois esquetes de humor que compõem o *corpus* para que vejamos como pode se dar, em contextos de interação oral, o ato de fala perlocucionário “Sabe com quem está falando”.

Palavras-chave: PLE; atos de fala; ato perlocucionário; cultura brasileira; cultura subjetiva; Porta dos Fundos.

¹ Mestrando em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

“Sabe com quem está falando?”, “Quem é você?”, “Quem você pensa que é?”: speech acts submerged in Brazilian culture

Abstract

This article aims to analyze the speech act “Sabe com quem está falando?” (Do you know who you are talking to?), which is common in different contexts of Brazilian society. In order to contribute to a better understanding of this phenomenon, this work will also present some of the theories that underlie the studies of Portuguese as a Foreign Language, as well as their applications in the act of speech already mentioned. I will try to show the importance of all these aspects in the process of Portuguese learning. Finally, in the final part of this study, I will transcribe the content of two humor skits that make up the corpus so that we can see how the perlocutionary speech act “Sabe com quem está falando?” can occur, in contexts of oral interaction.

Keywords: Portuguese as a Foreign Language; speech act; perlocutionary act; Brazilian culture; subjective culture; Porta dos Fundos.

1. Introdução

Expressão amplamente difundida por todo o território nacional, o “Sabe com quem está falando?” é um ato de fala que compõe o conjunto de elementos associados à cultura subjetiva brasileira. Trata-se de uma expressão utilizada com a intenção de marcar uma posição de superioridade social; ao utilizar esse ato perlocucionário, quando de forma intencional, o locutor tem a expectativa de gerar certas consequências em relação ao seu locutário, quais sejam, nesse caso, que este último atenda a uma demanda, que encerre qualquer tentativa de argumentação, enfim, que o receptor da mensagem tenha uma postura subserviente, submissa, adotando um comportamento que, na visão daquele que proferiu tais palavras, estaria adequadamente relacionado ao seu status social.

O filósofo moderno Leandro Karnal aponta que a cultura do “Sabe com quem está falando?” é uma tradição que remete ao período escravagista brasileiro e faz esse apontamento em tom crítico, o que pode evidenciar que tal comportamento, apesar de estar presente em diversos episódios do cotidiano no país, não é visto com bons olhos pela sociedade de uma maneira geral. Via de regra, o autor dessa pergunta retórica, quando publicizado o seu ato, acaba por ter que enfrentar diversas críticas oriundas da imprensa e também do cidadão comum, que, cada vez mais, tem se utilizado das redes sociais para expor esse tipo de conduta, fazendo com que o maior número de pessoas possível possa tomar conhecimento do ocorrido e, conseqüentemente, corroborar os atos de repúdio.

Além disso, é possível citar casos reais que tiveram grande repercussão no território nacional. A título de exemplo, cabe mencionar que, recentemente, em meio a discussões acerca da necessidade ou não do distanciamento social como forma de prevenção da disseminação do coronavírus, um episódio ganhou espaço nas páginas dos jornais e nas postagens das redes sociais. Ao ser abordado por fiscais que tentavam conter o número de pessoas reunidas num determinado estabelecimento comercial, um casal que não concordava com os motivos que levaram a essa ação proferiu palavras direcionadas a um dos fiscais que ali estavam as quais tinham a intenção de evidenciar que se consideravam superiores posição esta que seria diretamente relacionada à formação acadêmica, como se pôde depreender da fala especificamente da mulher envolvida. O fiscal, por sua vez, de acordo com o que se pôde depreender da fala do casal, deveria adotar um comportamento de submissão e prontamente atender ao que lhe foi

implicitamente pedido, a saber, “ponha-se no seu lugar”, ou mesmo “não nos dirija a palavra, pois somos socialmente superiores”.

Por fim, pode comprovar a existência desse ato de fala em diversos contextos sociais brasileiros o fato de que há inúmeras manifestações artísticas que abordam esse tema, sobretudo as ligadas ao gênero Comédia. Ao retratar esse comportamento, muitas vezes através da caricatura, do escárnio, os artistas envolvidos na encenação, ao seu modo, também expõem seu ponto de vista crítico para com a expressão “Sabe com quem está falando?”.

Haja vista o papel desempenhado na sociedade brasileira por esse ato de fala, este artigo se propõe a expor seus contextos de uso, bem como as consequências pretendidas pelo seu enunciador. Para tal, servirá de base um *corpus* composto por duas esquetes, ambas produzidas pelo grupo brasileiro de humor Porta dos Fundos. Os vídeos analisados serão estes: “Sabe quem tá falando” e “Desvio”. Porém, para uma melhor compreensão dos elementos analisados e das nomenclaturas de que lanço mão, dedicarei também algumas seções à apresentação das teorias que embasam este texto.

Além disso, é importante salientar que a principal justificativa para a existência deste estudo é a necessidade de um maior domínio pragmático da língua portuguesa por parte dos aprendizes estrangeiros, os quais dispõem de materiais didáticos que, muitas vezes, mostram-se insatisfatórios no que diz respeito a diversos aspectos ligados ao aprendizado de uma língua estrangeira (Gripp, 2005; p. 15), quer sejam eles de autores brasileiros ou de estrangeiros. De fato, os livros didáticos mais tradicionais não contemplam os aspectos pragmáticos do português, tão necessários aos estrangeiros que buscam aprimorar sua competência comunicativa (Xiao, 2015; p. 558). No caso específico do “Sabe com quem está falando?” – longe de se desejar que o aprendiz reproduza essa expressão –, devido aos diversos contextos em que esse ato de fala é realizado, faz-se importante que o estrangeiro saiba reconhecê-lo, para que, assim, possa buscar ferramentas para lidar com essa situação, o que somente será possível se ele for capaz de assimilar seu significado pragmático. Por outro lado, a mera assimilação e decodificação da estrutura gramatical do “Sabe com quem está falando?” não é suficiente para dar conta das implicações tanto no que diz respeito ao pragmatismo em si, quanto no âmbito das relações sociais no Brasil.

2. O que dizem os teóricos

A fim de que este artigo seja o mais didático possível, tratemos a partir de agora das bases teóricas que sustentam as análises que virão. As próximas seções serão de extrema importância para a compreensão global do texto. Portanto, tomemos conhecimento de alguns estudos teóricos e de seus respectivos autores, estudos estes que tento aplicar aos dados gerados a partir do *corpus* por mim selecionado.

2.1. Atos de fala (John Langshaw Austin)

Austin (1990[1962]; p. 85), em um dos seus trabalhos voltados à filosofia da linguagem, afirma que “ao dizer algo, estamos fazendo algo”, querendo, com isso, dizer que, ao proferir determinada sentença, o falante não está simplesmente emitindo sequências sonoras, mas sim realizando ações de naturezas diversas. Esse aspecto faz parte do que o autor chama de Ato de Fala, que é dividido, ainda segundo Austin, em três tipos, a saber, o ato locucionário, o ato ilocucionário e o ato perlocucionário:

Em primeiro lugar, distinguimos um conjunto de coisas que fazemos ao dizer algo, que sintetizamos dizendo que realizamos um *ato locucionário*, o que equivale, grosso modo, a proferir determinada sentença com determinado sentido e referência, o que, por sua vez, equivale, grosso modo, a "significado" no sentido tradicional do termo. Em segundo lugar dissemos que também realizamos *atos ilocucionários* tais como informar, ordenar, prevenir, avisar, comprometer-se, etc., isto é, proferimentos que têm uma certa força (convencional) (Austin, 1990[1962]; p. 95).

Reservo local de destaque ao terceiro tipo (ato perlocucionário), por se tratar da classe que mais interessa a este estudo, pois foi possível observar que ao ato de fala perlocucionário associa-se justamente a expressão “Sabe com quem está falando?”. Finalmente, Austin, assumindo a dificuldade de se fazer a distinção entre os atos de fala aqui mencionados, assim descreve o ato perlocucionário:

Em terceiro lugar também podemos realizar atos perlocucionários, os quais produzimos porque dizemos algo, tais como convencer, persuadir, impedir ou, mesmo, surpreender ou confundir. Aqui temos três sentidos ou dimensões diferentes [em relação aos atos locucionário, ilocucionário e perlocucionário] [...]. Todas essas três classes de "ações" estão

sujeitas, simplesmente por serem ações, às dificuldades e reservas costumeiras que consistem em distinguir uma tentativa de um ato consumado, um ato intencional de um não-intencional, e coisas semelhantes (*Ibid*; p. 95-96).

Uma vez que se pode dizer, ainda que de forma sintetizada, que o ato perlocucionário é “a realização de um ato *ao* dizer algo, em oposição à realização do ato *de* dizer algo” (Austin, 1990[1962]; p. 89), é possível atestar que, sim, o “Sabe com quem está falando?”, apesar de não ter sido uma expressão contemplada nos trabalhos de Austin – por motivos óbvios² –, é um ato de fala perlocucionário, cuja “sequela” (*Ibid*; p. 101) seria, como já dito, uma atitude subserviente por parte do receptor da mensagem.

2.1.2. Face (Erving Goffman)

Outro conceito se mostra extremamente importante para que entendamos a problemática do “Sabe com quem está falando?”: trata-se do conceito de Face, de Erving Goffman. O teórico (*apud* Gripp, 2005; p. 20) fornece as bases necessárias ao aprendiz estrangeiro para que este seja capaz de apreender as sublinhas de atos de fala como “Sabe com quem está falando?”, além do “Quem é você?”, “Quem você pensa que é?” e similares, na medida em que defende a tese de que estamos todos, a todo momento, preocupados em não nos expormos e a não expormos o outro a situações embaraçosas, por assim dizer, ou seja, existe uma preocupação mútua de salvamento da face entre os interactantes. Maristela Gripp, citando Goffman, contribui para uma melhor percepção de como essa relação entre os interlocutores se dá, de acordo com o esperado pelo teórico de origem canadense:

Para Goffman, durante uma interação a pessoa tem sempre dois pontos de vista: um voltado para uma orientação defensiva, ou seja, salvar a própria face; e outro, de orientação protetora, que pode ser traduzido como “salvar a face do outro”. Deste modo, da mesma forma que se espera que qualquer membro de um grupo tenha auto-respeito, espera-se que ele sustente um padrão de consideração, ou seja, que se esforce para salvar os sentimentos e a face dos outros participantes, e que o faça voluntária e espontaneamente devido à identificação emocional com os outros e com seus sentimentos (*Id. Ibid.*).

² Este trabalho trata de uma expressão da língua portuguesa, e seria improvável que Austin, autor cuja língua é o inglês, utilizasse tal ato de fala em qualquer um de seus textos.

Ora, ao ser interpelado por outrem com os atos de fala há pouco mencionados – considerados aqui como atos de ameaça à face (Goffman, 2005[1980]; p. 22) –, o aprendiz de PLE deve ter a ciência de que ele não se encontra em um contexto pacífico, já que seu interpelador terá aberto mão das convenções sociais de boa convivência a partir do instante em que deixar de proteger a face do seu interlocutor através de atos perlocucionários cuja consequência pretendida, no caso das expressões aqui apresentadas, é a submissão do receptor da mensagem.

Situações como essa, como dito, são tratadas por Goffman como atos de ameaça à face, que ocorrem quando ao menos um membro da interação deixa de observar aquilo que podemos chamar de diplomacia, presente nos rituais interacionais de diversas sociedades.

Finalmente, é importante mencionar que Goffman distingue três tipos de responsabilidades associadas ao falante responsável pelos atos de ameaça à face. Não cabe neste estudo tratar de todos os tipos existentes; fiquemos, pois, com aquele que considero passível de ser relacionado ao ato de fala “Sabe com quem está falando?”. Refiro-me aqui àquele “em que o ofensor pode parecer ter agido de forma maliciosa com a intenção clara de cometer um insulto” (Goffman *apud* Gripp, 2005; p. 22). Uma vez que a sociedade brasileira em geral considera o ato de fala em destaque como, entre outras coisas, um insulto, pode-se concluir que, de acordo com as ideias de Goffman, esse ato também seria classificado como um ato de ameaça à face. Dessa forma, faz-se mister o entendimento pragmático por parte do aprendiz de PLE para que ele consiga manejar a situação da maneira que lhe convier.

2.1.4. Casa e rua (Roberto DaMatta)

No que tange à capacidade do estrangeiro de identificar os contextos em que o ato de ameaça à face “Sabe com quem está falando?” pode surgir, seriam também de grande contribuição os estudos antropológicos de Roberto DaMatta voltados à dicotomia *casa x rua*. Esses dois elementos são descritos por DaMatta como uma espécie de ditadores do comportamento humano, ou seja, ao estar inserido em um ou outro ambiente, o indivíduo irá adotar comportamentos distintos, os quais devem se coadunar ou com a

casa, ou com a rua, entendidos aqui não como espaços físicos, como o próprio DaMatta esclarece:

Quando digo então que "casa" e "rua" são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas (DaMatta, 1997; p. 8).

Ao darmos prosseguimento à leitura de DaMatta, no intuito de compreender melhor a dicotomia *casa x rua*, conseguimos observar ainda que a definição de cada um desses elementos depende exclusivamente de um outro elemento contrastante. Por exemplo,

[...] meu quarto (por oposição aos outros quartos) é a "minha casa". Já na vizinhança, refiro-me à minha casa incluindo na expressão não só a residência em si, mas também o seu jardim e o seu quintal. Mas, se estou no "centro" da cidade, minha casa pode muito bem ser o meu bairro, com todas as suas ruas e jardins (*Ibidi*; p. 8).

Aplicando essa teoria a um contexto pragmático de comunicação, não seria difícil afirmar que o ambiente da *rua* estaria mais propenso a realizações do “Sabe com quem está falando?”, já que a *casa*, por outro lado, é tida como o local da gentileza, da polidez (Brown & Levinson, 1988; p. 91), como um ambiente familiar, de proteção. Depreende-se, pois, que o aprendiz estrangeiro, ao ser capaz de fazer a distinção entre *casa* e *rua*, será capaz também de lidar com situações em que os atores não se utilizem de comportamentos polidos, já que ele estará consciente de que, naquele determinado momento, ele não está em casa, mas sim num local de disputa, sem maiores demonstrações de afeto.

2.1.5. Cultura objetiva x subjetiva (Milton James Bennett e Stuart McPhail Hall)

Todos os aspectos elencados até aqui, bem como os comportamentos oriundos deles, precisam ser levados em consideração pelo aprendiz de PLE para que, assim, ele possa desenvolver um aprendizado intercultural, o que, a princípio, pode parecer algo simples de assimilar; mas essa suposta facilidade é mitigada a partir do momento em que se nota a existência de dois tipos de cultura nas sociedades, a saber, a cultura objetiva e a cultura subjetiva (Bennett, 1998; p. 2). A primeira está relacionada aos aspectos de uma determinada região que podem ser facilmente observados, mesmo por alguém que não esteja inserido nela. Alguns exemplos de elementos que compõem a cultura objetiva são línguas, ações, etnias etc. Já a cultura subjetiva é composta por elementos considerados mais difíceis de serem observados por quem não faz parte daquele ambiente cultural. São exemplos desses elementos os valores, as experiências de vida, as perspectivas etc. Para melhor ilustrar essa diferença, reproduzo abaixo *The Iceberg Theory of Culture*, uma metáfora desenvolvida por Edward T. Hall, em 1976:



Disponível em: <http://arabiclanguageandculturecrashcourse.weebly.com/iceberg-theory-of-culture.html>. Acesso em: 15/07/2020

Hall utiliza essa metáfora do iceberg justamente para mostrar que a cultura objetiva é a que está mais exposta, a que pode saltar aos olhos do observador, portanto, de acordo com a metáfora, ela é visível, pois está na superfície, é a ponta do iceberg. Em oposição, a cultura subjetiva encontra-se submersa, o que demanda maior esforço do observador que pretenda verdadeiramente conhecê-la.

Também aborda esses tipos diferentes de cultura Milton J. Bennett. Em seus estudos sobre o que ele chama de “Comunicação Intercultural” (Bennett, 1998; p. 1), o

autor chama a atenção para questionamentos surgidos nas últimas décadas a respeito de que tipo de comunicação deve haver entre pessoas de diferentes culturas, qual é o papel dessa comunicação na criação de ambientes respeitosos e tolerantes etc., uma vez que vivemos hoje em sociedades multiculturais. E é exatamente nesse ponto que devemos olhar para as importantes diferenças entre a cultura objetiva e a subjetiva, a fim de nos tornarmos mais tolerantes, além também de sabermos como lidar com situações adversas quando estivermos inseridos em culturas que ainda são distantes para nós.

Bennett utiliza-se destas palavras para definir a cultura objetiva:

When people anticipate doing something *cultural* of an evening, their thoughts turn to art, literature, drama, classical music, or dance. In other words, they plan to participate in one of the *institutions* of culture – behavior that has become routinized into a particular form. [...] The more academic term that is used by most writers is *objective culture*. Other examples of objective culture might include social, economic, political, and linguistic systems – the kinds of things that usually are included in area studies or history courses. [...] For instance, courses in Japanese culture or African American culture are likely to focus on the history, political structure, and arts of the groups. While this is valuable information, it is limited in its utility to the face-to-face concerns of intercultural communication. One can know a lot about the history of a culture and still not be able to communicate with an actual person from that culture [Bennett, 1998; p. 2].

Nesse ponto, vale reforçar as palavras de Bennett em relação ao conhecimento da cultura que está submersa, pois, segundo o próprio autor, enquanto a cultura objetiva apenas proporciona conhecimento, a cultura subjetiva é capaz de oferecer a tão necessária competência intercultural e, por consequência, também a competência comunicativa.

Por fim, a cultura subjetiva é assim descrita por Bennett:

The less obvious aspect of culture is its *subjective* side. [...] Subjective culture refers to the psychological features that define a group of people – their everyday thinking and behavior – rather than to the institutions they have created. A good working definition of subjective culture is the *learned and shared patterns of beliefs, behaviors, and values of groups of interacting people*. Understanding subjective cultures – one's own and others' – is more likely to lead to intercultural competence [*Id. Ibid.*].

Portanto, não restam dúvidas de que um elevado nível de competência comunicativa é dependente da competência intercultural e de que o conhecimento em relação a uma determinada cultura não deve se limitar à ponta do iceberg: os aspectos culturais submersos precisam ser contemplados pelo aprendiz, devido à sua inegável importância para a comunicação. Conhecer a cultura subjetiva de um povo pode garantir ao estrangeiro maior facilidade nas atitudes tomadas em contextos diversos de interação.

3. Atos de fala no Porta dos Fundos³

Como dito nas palavras iniciais deste artigo, atos de fala como “Sabe com quem está falando?”, “Quem é você?”, “Quem você pensa que é?”, entre outros, observados nos mais variados contextos de comunicação, justamente por esse motivo, podem ser considerados como parte integrante da cultura subjetiva brasileira. E uma das evidências disso é o fato de que, ao lançarmos um olhar menos lúdico e mais analítico sobre as obras produzidas pelo grupo de humor Porta dos Fundos, percebemos que esse fenômeno já foi um tema abordado por seus idealizadores, sempre com um tom jocoso, a fim de criticar o autor desse ato, que pode ser considerado ofensivo àquele a quem tais palavras são dirigidas.

Passemos, pois, à transcrição e à análise dos vídeos “Sabe com quem tá falando” e “Desvio”, que compõem o *corpus* deste estudo.

3.1. “Sabe com quem tá falando?”

A cena se passa na entrada de uma balada, onde se encontram diversas pessoas que formam uma fila para poder entrar no local. Um rapaz, cliente do estabelecimento, desrespeitando essa fila, tenta entrar, mas é impedido pelo segurança, o qual justifica esse impedimento dizendo que o lugar já atingiu sua lotação e que o rapaz deveria esperar que algumas pessoas deixassem o local para que ele pudesse entrar. O cliente não aceita ser barrado e tenta convencer o segurança a deixá-lo entrar através do recurso da carteirada, ou seja, ele tenta mostrar ao segurança que ele (o cliente) é alguém mais importante que

³ Nas subseções a seguir, onde farei a transcrição dos episódios, utilizarei em meus comentários alguns termos pertencentes ao registro coloquial da língua para efeito de criação de contexto.

os que ali estavam e que, por essa razão, não poderia aguardar na fila como todos os outros. O diálogo entre os dois se dá desta maneira:

[Segurança] Tá lotado, senhor. Tem que esperar esvaziar, sair gente, pro senhor poder entrar.

[Cliente] Não, desculpa aí, que deve ter algum engano aqui, irmão. Sabe com que cê tá falando?

[Segurança] Não.

[Cliente] Então é isso... Eu sou o Romero Frajado.

[Segurança] É... Não... Eu não... Não conheço.

[Cliente] Eu sou filho do Paulinho Frajado, irmão.

[Segurança] Uhum... Bacana...

[Cliente] Paulinho Frajado, porra!

[Segurança] Não sei, não sei.

[Cliente] Esse povo aqui todo me segue no Insta.

[Segurança] Parabéns.

[Cliente] Sou... Eu sou o “Frajado29”. Tô com 33k. É isso, vai me barrar?

[Segurança] É que tá lotado, realmente. Só quando sair gente é que pode entrar gente.

Até aqui, a cena é perfeitamente verossímil. Mas, como não poderia deixar de ser, uma vez que se trata de um esquete de humor, as próximas falas possuem teor humorístico que tem a intenção de criticar através da ironia, do absurdo, da ridicularização dos atos de fala do cliente:

[Cliente] Vai lá dentro e fala pras pessoas que eu sou bacharel... na Estácio do Rio Comprido. Dirijo um Fiesta prata, irmão! Sabe quantas portas? Quatro! Sabe quantos litros de água eu bebo por dia, irmão? Dois! ... Não vai deixar eu entrar?

[Segurança] Que eu esp... preciso esperar que saia gente...

[Cliente] Tá vendo essa mancha aqui?

[Segurança] Tô.

[Cliente] Nasci com ela

[Segurança] Tem que ver isso. Pode ser perigoso.

[Cliente] Chuta minha pressão. Com doze por oito, irmão. Vai me deixar entrar não?

[Segurança] É que realmente não pode entrar ninguém enquanto estiver lotado...

[Cliente] Irmão, desculpa, tá?, ter que falar isso pra você, mas tu sabe o que é que eu sou? Sagitário, pô! Ascendente sabe onde? Libra! Tu sabe onde fica minha lua?

[Segurança] Não saberia dizer, senhor.

[Cliente] Touro!

Nos momentos seguintes, o cliente volta a dar carteiradas que poderiam ocorrer também na vida real, vangloriando-se de pertencer a uma família supostamente conhecida, até mesmo de suas experiências de vida, as quais, na visão dele, seriam capazes de torná-lo uma pessoa melhor do que as demais.

[Cliente] Tu sabe quem é minha tia? Ruth Frajado, pô! Tia Ruth. Só pra tu saber, sou correntista do Itaú, pô! Sou nascido e criado em Cabo Frio, peguei muito ônibus no Perú. Sabe de onde é essa camisa aqui, irmão? Toulon do Rio Sul! Eu tenho um primo, sabe de onde é que ele é?

[Segurança] Aqui do Rio mesmo.

[Cliente] De Minas!

[Segurança] Minas...

[Cliente] Sabe qual Minas? Gerais! Tá me entendendo?

[Segurança] Tô. [Dirigindo-se a um casal que está deixando o local] Boa noite, senhores. Até a próxima. Obrigado. [Voltando a falar com o cliente] Pode entrar, agora liberou.

[Cliente] Agora pode, né?!

Por fim, é autorizada a entrada do cliente porque algumas pessoas deixaram o local. Ele, por sua vez, mantém sua postura, de certa forma, agressiva e, ao passar pelo segurança, insinua que a permissão apenas se deu porque o “Sabe com quem está falando?” teria surtido efeito, ou, como nas palavras de Hall, houve felicidade naquele ritual, verificada a condição de sucesso do ato perlocucionário. Entretanto o insucesso fica evidente para os expectadores do esquete.

3.2. “Desvio”

O segundo vídeo também traz a questão do “Sabe com quem está falando?”. Mas a novidade é que isso é realizado, na verdade, nas entrelinhas, ou seja, essas palavras não são ditas, embora as insinuações feitas pelo emissor deixem clara a intenção de dar a já citada carteirada.

O cenário dessa vez é o interior de um avião comercial. O piloto é surpreendido por um passageiro na cabine de comando. Este pede um favor inusitado àquele: que o piloto aterrisse o avião em uma cidade diferente da programada, para que ele (o passageiro) possa desembarcar, pois está atrasado para alguns compromissos. Ao receber uma resposta negativa do piloto, o passageiro inicia, sem êxito, uma negociação. O piloto se recusa novamente a ceder, o que faz com que o passageiro mude sua estratégia de

persuasão e tente subornar o piloto, que não dá o braço a torcer. Como último recurso, o passageiro, então, decide lançar mão de intimidações relacionadas à sua posição social e à do piloto. Este último recurso, portanto, caracteriza o “Sabe com quem está falando?”, posto em prática através não de uma pergunta retórica, mas de afirmações quanto ao poder do locutor empregado contra o locutário. Segue a transcrição do diálogo:

[Passageiro] Oi. Tudo bom?

[Piloto] Oi...

[Passageiro] É... Esse avião tá indo... é... pra Congonhas, São Paulo, né?

[Piloto] Isso.

[Passageiro] Então... Deixa eu te falar... É que eu tô com a reunião que eu tô meio atrasado em Ribeirão Preto... Queria saber se não dá pra gente dar uma descida em Ribeirão Preto. Aí eu fico lá, que aí eu não perco a reunião, né?...

[Piloto] Não, senhor, não vai dar, não, tá?

[Passageiro] Não, mas aí é o que? O que? Deixa eu te falar... É jogo rápido: eu vou descer, você faz esse “bem-bolado” pra mim, cinco minutos, aí fica *tranquilex*, eu desço...

[Piloto] É... Cê sabe que não dá pra mudar a rota de um avião.

[Passageiro] Mas aí nem... ó... então... Não é nem você que vai desviar. Bota no piloto automático. Você bota e liga aí ele, bota ele aí e ele vai lá.

[Piloto] Eu vou pedir pra você sentar no seu lugar.

[Passageiro] Você não quebra essa pra mim, não?

[Piloto] Não. Vamos ser feliz e sentar na cadeirinha?

[Passageiro] Mas, se você conseguir então descer em Marília, que aí, de Marília, ali, eu já consigo pegar um... a condução direto.

[Piloto] Cê sabe que não tem só você nesse voo, né? Tem vários outros passageiros.

O início do diálogo apresenta somente um pedido de favor. Apesar de absurdo na vida real, no contexto do pacto ficcional, o ato do passageiro pode ser considerado normal, entendível, mesmo porque ele faz uso de um discurso polido, com clara preocupação em proteger sua face a do piloto. O discurso do passageiro passa o tomar outro rumo mediante a recusa do piloto em atender aos pedidos que lhe foram feitos.

[Passageiro] Não, mas aí, então, aí desce todo mundo, bebe uma cerveja, eu pago a cerveja procê...

[Piloto] Sabe que não é assim que funciona, né?

[Passageiro] Então funciona como? Que a gente faz funcionar é agora! Tá vendo esse relógio aqui? Esse relógio aqui é meu, mas ele é teu. Tá no meu braço, mas é seu.

[Piloto] Isso não tá certo, né?...

[Passageiro] Cinco minuto, amigo. Hein? Eu já fico com a mala. Fico ali na porta embicado pra sair. Cê desce, eu desço do avião, aí cê já decola. Lá no aeroporto, eu não falo pra ninguém. Não vou falar pra Infraero, a gente fica quieto...

[Piloto] Aqui, preste atenção! Nós vamos descer em São Paulo. Você volte pra sua cadeira, se não, vou chamar alguém aqui...

[Passageiro] Ó o cheirinho de Ribeirão!... Aí ó!

[Piloto] Não tem cheiro... tá? Não tem Ribeirão.

Iniciam-se, então, alguns momentos de maior tensão na interação entre o passageiro e o piloto. Este parece irritado com a insistência do passageiro, que, por sua vez, dará início às insinuações de que o piloto deveria ceder, por conta de sua (do passageiro) origem, sua linhagem.

[Passageiro] Você não tá levando em consideração que tem o quê? Minha família em Ribeirão, tem as minhas raízes em Ribeirão, tem grandes agronegócios que são fechados lá. É uma terra de gente que trabalha e que ganha dinheiro porque trabalha muito. Aqui ó: vou até lhe mostrar isso aqui ó... Ih, 150 reais que tão me falando... [Fingindo estar falando com outra pessoa] Fala mais alto 150... “Pertence ao piloto”.

[Piloto] Senhor... Olhou aqui...

[Passageiro] Cê tá me obrigando a falar uma coisa que eu não queria usar porque eu sou uma pessoa honesta. Mas eu sou tio do Aguinaga, que é chefão lá de Guarulhos. Inclusive eu acho que ele tá podendo te demitir, se você não fizer esse negócio pra mim. A gente quer manter seu emprego, mas tá complicado

[Piloto] Não me importa isso, tá bom?!

[Passageiro] Não importa o quê? Não importa que você é um babaca! É que você vai parar... que era o grande homem da aviação... vai pra Itapemirim ser motorista lá. Você é um babaca! Qual é seu nome, hein?

[Piloto] Meu nome é Jonas Carvalho. Pode anotar aí...

[Passageiro] Jonas Carvalho, o grande babaca...

[Piloto] Você volte a seu lugar!...

[Passageiro] Volte você pro seu! Porque você é só um piloto, e o Brasil continua sendo pilotado por uns incompetentes babacas como você! E bota Olimpíada... Isso não vai pra... Desce aí! Desceu, ô! [Ao ser questionado por outro passageiro sobre o que estava acontecendo] Alá ó, não quer para em Ribeirão...

[Passageiro 2, dirigindo-se ao piloto] Mas Osasco tá tudo certo, né, irmão?

Finalmente, após as tentativas de suborno e ameaças, o passageiro adota um discurso ainda mais agressivo, que poderia ser perfeitamente sintetizado através dos atos de fala “Sabe com quem está falando?”, “Quem é você?”, “Quem você pensa que é?”. Diferentemente do que acontece no desfecho do primeiro vídeo, aqui foi possível verificar que os atos perlocucionários obtiveram sucesso; houve, portanto, o que Hall chama de

felicidade, observável ao final do esquete, em que o piloto anuncia todos os lugares em que vai parar, a fim de atender aos pedidos dos passageiros.

4. Considerações finais

A cultura brasileira é capaz de fascinar estrangeiros de todo o mundo, e, assim, não é por acaso que algumas das cidades do país estão entre os locais mais visitados por turistas estrangeiros. E é natural que o interesse na cultura nacional leve ao interesse também pela língua portuguesa, umas das línguas mais faladas ao redor do globo. Porém as nuances do idioma podem dificultar o aprendizado por parte do estrangeiro. É justamente nesse ponto que se mostram importantes os estudos baseados no interculturalismo, sobretudo quando se trata dos aspectos subjetivos de uma certa cultura; com a cultura brasileira, não há como se dar de forma diferente.

Nesse sentido, considero o ato de fala “Sabe com quem está falando?” a ponta do iceberg, portanto algo que necessita de uma observação mais atenta, que poderia ser proporcionada por estudos interculturais. Para os estrangeiros que pretendem adquirir um alto nível de competência comunicativa em português, é essencial estarem atentos a certas expressões da língua e buscarem auxílio também nos estudos de pragmática; e esses estudos certamente serão otimizados com o auxílio do professor de PLE, igualmente atento à existência da cultura subjetiva e dos atos perlocucionários presentes no dia a dia do brasileiro.

A percepção da existência desses aspectos poderá ser feita não somente através de observação dos contextos reais de conversação, mas também por meio do consumo de produções artísticas, como é o caso dos esquetes que aqui utilizados para compor o *corpus* deste artigo. Neles, estão claramente presentes os atos de fala perlocucionários, seja de maneira explícita, ou implícita. É possível até mesmo encontrar esses aspectos nas falas de alguns filósofos.

Estando o docente de PLE consciente das ferramentas adequadas, o aprendiz poderá atingir um alto nível de proficiência na sua língua-alvo e estará apto a se comunicar de maneira eficiente com os brasileiros nativos.

Referências bibliográficas

Austin, John L. **Quando dizer é fazer** (1962). / John Langshaw Austin; Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho. / Porto Alegre: Artes Médicas: 1990.

Bennett, Milton, J. (1998). **Intercultural communication**: A current perspective. In Milton J. Bennett (Ed.), *Basic concepts of intercultural communication: Selected readings*. Yarmouth, ME: Intercultural Press.

Brown, Penelope. e Levinson, Stephen C. **Politeness**: Some Universals in Language Usage. First published 1978 as part of Esther N. Goody (ed.): Questions and politeness. Reissued 1987 with corrections, new introduction and new bibliography Reprinted 1988.

DaMatta, R. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no brasil. 5ª edição. Rio de Janeiro – 1997.

Gomes, Carolina. **“Desculpas, mas é que...”**: o ritual de pedido de desculpas em seriados televisivos brasileiros com aplicabilidade em Português como Segunda Língua para Estrangeiros. Orientadora: Rosa Marina de Brito Meyer; coorientador: Ricardo Borges Alencar. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2010.

Gripp, Maristela. **“Imagine, não precisava...”**: ou rituais de agradecimento no português do Brasil com aplicabilidade em português como segunda língua para estrangeiros. Orientador: Rosa Marina de Brito Meyer. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2005.

Hall, E. T. Hall's Iceberg Metaphor. *Beyond Culture*. Garden City, N.Y.: Anchor, 1976.
Hall, J. K. (2018) From L2 Interrectional Competence to L2 Interactional Repertoires: Reconceptualising the Objects of L2 Learning **Classroom Discourse**.

Hall, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais

do nosso tempo. Texto publicado no capítulo 5 do livro *Media and Cultural Regulation*, organizado por Kenneth Thompson e editado na Inglaterra em 1997. Publicado em *Educação & Realidade* com a autorização do autor.

JACKSON J. (2015) Intercultural L2 Teaching: Enhancing Intercultural Interactions at Home and Abroad. **English Teaching in China**.

Karnal, Leandro. **Vida sem ética dá mais trabalho**. (Palestra). Blumenau – SC, 26/05/2016. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=_pTJ7feeiDI&feature=youtu.be. Acesso em: 15/07/2020.

MEYER, Rosa M. Cultural, multicultural, intercultural: o português como segunda língua para estrangeiros. In: BALOCCO, A. E.; PEREIRA, M. T. G. **Matraga**. Vol. 20, nº 32. Rio de Janeiro, RJ: Instituto de Letras, Uerj, 2013.

Xiao, F. (2015) Proficiency Effect on L2 Pragmatic Competence. **Studies in Second Language Learning and Teaching**. Department of English Studies, Faculty of Pedagogy and Fine Arts, Adam Mickiewicz University, Kalisz.

Vídeo “Sabe com quem tá falando?”, disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=dK-37-6W1Jg&t=>. Acesso em: 15/07/2020.

Vídeo “Desvio”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GhPcVaeGkX4>. Acesso em: 15/07/2020.